

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

MAIO DE 1863

Nº 5

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(Quinto e último artigo)¹⁵

Como puderam notar, o Dr. Constant chegou a Morzine com a idéia de que a causa do mal era puramente física. Podia ter razão, porquanto seria absurdo supor *a priori* uma influência a todo efeito cuja causa é desconhecida. Segundo ele, esta causa está inteiramente nas condições higiênicas, climáticas e fisiológicas dos habitantes. Longe de nós pretender que ele pensasse o contrário, o que também não seria mais lógico. Dizemos simplesmente que, com sua idéia preconcebida, não viu senão o que queria ver, ao passo que, se ao menos tivesse admitido a possibilidade de outra causa, teria visto outra coisa.

Quando uma causa é real, deve poder explicar todos os efeitos que produz. Se certos efeitos vêm contradizê-la, é que é falsa ou não é única e, então, é preciso procurar uma outra. Incontestavelmente é o raciocínio mais lógico e a própria justiça, em suas investigações na busca da criminalidade, não procede de

¹⁵ Ver os números de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro e abril de 1863. Ver também sobre o mesmo assunto o número de abril de 1862.

outra maneira. Se se trata de constatar um crime, chega ela com a idéia de que deve ter sido cometido desta ou daquela maneira, por tal ou qual pessoa? Não. Ela observa as menores circunstâncias e, remontando dos efeitos às causas, afasta as que são inconciliáveis com os efeitos observados e, de dedução em dedução, é raro que não chegue à constatação da verdade. Dá-se o mesmo nas ciências. Quando uma dificuldade resta insolúvel, é mais prudente adiar o seu julgamento; então toda hipótese é permitida para tentar resolvê-la. Mas se a hipótese não resolve todos os casos da dificuldade, é que é falsa; e só terá o caráter de uma verdade absoluta se der a razão de tudo. É assim que no Espiritismo, por exemplo, pondo de lado toda constatação material, remontando dos efeitos às causas, chega-se ao princípio da pluralidade das existências, como consequência inevitável, porque só ele explica claramente o que nenhum outro pôde explicar.

Aplicando este método aos fatos de Morzine, é fácil ver que a causa única admitida pelo Dr. Constant está longe de tudo explicar. Ele constata, por exemplo, que em geral as crises cessam tão logo os doentes deixam o território da comuna. Se, pois, o mal é devido à constituição linfática e à má nutrição dos habitantes, como a causa deixa de agir quando eles transpõem a ponte que os separa da comuna vizinha? Se as crises nervosas não fossem acompanhadas de nenhum outro sintoma, ninguém duvidaria que se pudesse, conforme tudo indica, atribuí-las a um estado constitucional; mas há fenômenos que não podem ser explicados somente por esse estado.

Aqui o Espiritismo nos oferece uma comparação admirável. No começo das manifestações, quando se viam as mesas girando, batendo, endireitando-se e se erguendo no espaço sem ponto de apoio, o primeiro pensamento foi que se devesse à ação da eletricidade, do magnetismo ou de um fluido desconhecido. Esta suposição nada tinha de desarrazoado; ao contrário: oferecia toda probabilidade. Mas quando se viu que esses movimentos davam

sinais de inteligência, manifestavam uma vontade própria, espontânea e independente, a primeira hipótese teve de ser abandonada porque não resolvia esta fase do fenômeno, sendo necessário que se reconhecesse, no efeito inteligente, uma causa inteligente. Qual era essa inteligência? É ainda pela via da experimentação que a ela se chegou, e não por um sistema preconcebido.

Citemos um outro exemplo. Quando Newton, ao observar a queda dos corpos, notou que todos caíam na mesma direção, procurou a causa e formulou uma hipótese. Esta hipótese, resolvendo todos os casos do mesmo gênero, tornou-se a lei da gravitação universal, lei puramente mecânica, porque todos os efeitos eram mecânicos. Mas suponhamos que vendo tombar uma maçã, esta tivesse obedecido à sua vontade; que, ao seu comando, ao invés de descer tivesse subido, fosse para a direita ou para a esquerda, tivesse parado ou entrado em movimento; que, por um sinal qualquer, respondesse ao seu pensamento: ele teria sido forçado a reconhecer algo mais além das leis da mecânica, isto é, não sendo a maçã inteligente por si mesma, devia obedecer a uma inteligência. Foi assim com as mesas girantes; é assim com os doentes de Morzine.

Para não falar senão dos fatos observados pelo próprio Dr. Constant, perguntaremos como uma alimentação má e um temperamento linfático podem produzir antipatia religiosa em pessoas naturalmente religiosas e até devotas? Se fosse um fato isolado podia ser uma exceção; mas se reconhece que é geral e que é uma das características da doença, lá e alhures. Eis um efeito; procurai a sua causa. Não a conheceis? Seja; confessai-o, mas não digais que se deve aos hábitos alimentares dos habitantes, que se nutrem de batatas e de pão preto, nem à sua ignorância e tacanhice de espírito, porque vos oporão o mesmo efeito entre gente que vive na abundância e recebeu instrução. Se o conforto bastasse para curar a impiedade, ficaríamos admirados de encontrar tantos ímpios e blasfemadores entre pessoas que de nada se privam.

O regime higiênico explicaria melhor este outro fato não menos característico e geral do sentimento de dualidade, que se traduz sem equívoco na linguagem dos doentes? Certamente não. É sempre um desconhecido quem fala; sempre uma distinção entre ele e a mocinha, fato constante nos indivíduos no mesmo caso, seja qual for a classe social a que pertençam. Os remédios são ineficazes por uma boa razão: é que são bons, como diz aquele desconhecido, para a jovem, isto é, para o ser corporal, mas não para o outro, aquele que não é visto e que, entretanto, a faz agir, a constrange, a subjuga, a derruba e se serve de seus membros para bater e de sua boca para falar. Ele diz nada ter visto que justifique a idéia da possessão, embora os fatos estivessem diante de seus olhos, como ele mesmo os cita. Podem ser explicados pela causa que ele lhes atribui? Não. Então esta causa não é verdadeira; como ele via efeitos morais, devia procurar uma causa moral.

Um outro médico, o Dr. *Chiara*, que também visitou Morzine e publicou sua apreciação¹⁶, constatou os mesmos fenômenos e os mesmos sintomas que o Dr. Constant. Mas para ele, como para este último, os Espíritos malignos estão na imaginação dos enfermos. Em seu relatório encontramos o seguinte fato, a propósito de uma doente:

“O acesso começa por um soluço e movimentos de deglutição, pela flexão e extensão alternativos da cabeça sobre o tronco; em seguida, depois de várias contorções que lhe dão ao rosto tão suave uma expressão aterradora, grita ela ao médico ‘S..., eu sou o diabo...; queres que eu abandone a moça, mas não tenho medo de ti... vem!... há quatro anos que eu a subjugo: ela é minha e nela ficarei. – Que fazes nesta moça? – Eu a atormento. – E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal? – Porque me puseram aqui para atormentá-la. – És um celerado.’ Paro aqui, atordoado por uma avalanche de injúrias e imprecções.”

16 *Os Diabos de Morzine*, Livraria Mégrét, quai de l'Hôpital, 51, Lyon.

Falando de outra doente, diz ele:

“Após alguns instantes de uma cena muda, de uma pantomima mais ou menos expressiva, nossa possessa põe-se a soltar pragas horríveis. Espumando de raiva, injúria-nos a todos com um furor sem igual. Mas – digamos sem demora – não é a moça que assim se exprime; é o diabo que a possui e que, servindo-se de seu órgão, fala em seu próprio nome. Quanto à nossa energúmena, não passa de um instrumento passivo, no qual a noção do *eu* foi completamente abolida. Se a interpelam diretamente, fica muda: só Belzebu responderá.

“Enfim, depois de uns três minutos esse drama assustador cessa de repente, como que por encanto. A jovem B.. retoma o ar mais calmo, o mais natural do mundo, como se nada tivesse acontecido. Tricotava antes; ei-la a tricotar depois, parecendo não ter interrompido o trabalho. Interrogo-a; responde não sentir a mais leve fadiga nem se lembrar de nada. Falo-lhe das injúrias que nos dirigiu: ela as ignora; mas parece ficar contrariada e nos pede desculpas.

“Em todas essas doentes a sensibilidade geral é completamente abolida. Por mais que as belisquem, piquem ou queimem, nada sentem. Numa delas fiz uma dobra na pele e a atravessei com uma agulha comum: correu sangue, mas ela nada sentiu.

“Em Morzine vi ainda várias dessas doentes fora do estado de crise. Eram jovens, corpulentas e saudáveis, gozando da plenitude das faculdades físicas e morais. Vendo-as, era impossível supor a existência da menor afecção.”

Isto contrasta com o estado raquítico, macilento e enfermizo que o Dr. Constant julgou ter notado. Quanto ao fenômeno da insensibilidade durante as crises, não é, como se viu, a única semelhança que esses fatos apresentam com o estado cataléptico, o sonambulismo e a dupla vista.

De todas as suas observações o Dr. Chiara chegou a esta definição do mal:

“É um conjunto mórbido, formado de diferentes sintomas, inerentes em maior ou menor grau ao quadro patológico das doenças nervosas e mentais; numa palavra, é uma afecção *sui generis*, para a qual conservarei o nome que lhe foi dado, de *hístico-demonia*, visto ligar pouca importância às denominações.”

É o caso de dizer: “Quem tiver ouvidos, ouça.” É um mal particular, formado de diferentes partes e que tem sua fonte um pouco em toda parte. É o mesmo que dizer simplesmente: “É um mal que não compreendo.” É um mal *sui generis*: estamos de acordo; mas qual esse gênero, ao qual nem mesmo sabeis dar o nome?

Poderíamos provar a insuficiência de uma causa puramente material para explicar o mal de Morzine por muitas outras comparações, que os próprios leitores farão. Que então se reportem aos nossos artigos precedentes sobre o mesmo assunto, ao que dizemos da maneira por que se opera a ação dos Espíritos obsessores, dos fenômenos resultantes dessa ação e a analogia ressaltará com a última evidência. Se, para os habitantes de Morzine, o desconhecido que interfere é o diabo é porque lhes disseram que era o demônio e eles só conheciam isto. Sabe-se, aliás, que certos Espíritos de baixo nível divertem-se em tomar nomes infernais para amedrontar. A este nome substituí em sua boca a palavra *Espírito*, ou, melhor ainda, *Espíritos maus* e tereis a reprodução idêntica de todas as cenas de obsessão e de subjugação que relatamos. É incontestável que, numa região onde imperasse a idéia do Espiritismo, os doentes se diriam impelidos pelos Espíritos maus e passariam por loucos aos olhos de muita gente, caso sobreviesse uma epidemia semelhante. Dizem que é o diabo; é uma afecção nervosa. É o que teria acontecido em Morzine, se o conhecimento do Espiritismo ali tivesse precedido a invasão dos

Espíritos. Seus adversários protestariam; mas a Providência não lhes quis dar essa satisfação passageira: ao contrário, quis provar-lhes sua impotência para combater o mal pelos meios ordinários.

Afinal de contas, recorreram ao afastamento das doentes, que foram levadas aos hospitais de Thonon, Chambéry, Lyon, Mâcon, etc. Era um bom recurso, porquanto, uma vez transferidas de Morzine, podiam jactar-se de que não existiam mais doentes na região. A medida podia basear-se num fato observado, o da cessação das crises fora da comuna; mas parece ter sido estribada em outra consideração: o isolamento das doentes. Aliás, a opinião do Dr. Constant é categórica. Diz ele: “Segundo um velho amigo meu, o Dr. Bouchut, deveria haver uma espécie de lazareto, onde pudessem ser escondidas, assim que se mostrassem, as desordens morais e nervosas, cuja propriedade contagiosa é estabelecida. Enquanto se aguarda coisa melhor, esse lazareto foi encontrado no asilo de alienados. É o único lugar realmente conveniente para o tratamento racional e completo das enfermas de que se trata, quer se admita seja sua doença uma forma, uma variedade de alienação, quer mesmo não admitindo que fossem, sob qualquer título, tomadas como alienadas. É necessário que nelas se produza um certo grau de intimidação; que seu espírito seja ocupado de modo a quase não deixar tempo para se entregarem a preocupações; subtraí-las absolutamente a toda influência religiosa irrefletida e desmedida, às conversas, conselhos ou observações susceptíveis de lhes fomentar o erro, que, ao contrário, deve ser combatido diariamente; dar-lhes um regime apropriado; enfim, obrigá-las a se submeterem às prescrições que seria útil associar a um tratamento puramente moral, e ter os meios de execução. Onde encontrar reunidas todas essas condições necessárias, essenciais, senão num hospício? Teme-se para essas doentes o contato com os verdadeiros alienados. Tal contato seria menos pernicioso do que se pensa e, afinal, teria sido fácil destinar uma ala provisória só para os doentes de Morzine. Se sua aglomeração tivesse qualquer

inconveniente, poder-se-ia encontrar compensação na própria reunião; e estou convencido de que o nome de hospício, ou de asilo de loucos, por si só teria operado mais de uma cura e não haveria diabos que uma ducha não pusesse em fuga.”

Estamos longe de partilhar do otimismo do Dr. Constant sobre a inocuidade do contato das alienadas e a eficácia das duchas em casos semelhantes. Ao contrário, estamos convencidos de que tal regime pode produzir uma verdadeira loucura, onde esta é apenas aparente. Ora, note-se bem que fora das crises as doentes mantêm o seu bom-senso e são sadias de corpo e espírito; assim, não há nelas senão uma perturbação passageira, sem nenhuma das características da loucura propriamente dita. Seu cérebro, necessariamente enfraquecido pelos ataques freqüentes que experimenta, seria ainda mais facilmente impressionável pela visão dos loucos e pela só idéia de achar-se entre eles. O Dr. Constant atribui o desenvolvimento e a evolução da doença à imitação, à influência das conversas das doentes entre si e aconselha a pô-las entre loucos ou segregá-las num pavilhão do hospital! Não é uma evidente contradição? e é isto que ele entende por tratamento moral?

Em nossa opinião, o mal se deve a uma causa inteiramente diversa e requer meios curativos completamente diferentes. Tem a sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e o invisível que nos rodeia, em cujo meio vivemos, isto é, entre os homens e os Espíritos, que mais não são que as almas dos que viveram e entre os quais há bons e maus. Esta reação é uma das forças, uma das leis da Natureza, e produz uma imensidão de fenômenos psicológicos, fisiológicos e morais incompreendidos, porque a causa era desconhecida. O Espiritismo nos dá a conhecer esta lei e, desde que os efeitos são submetidos a uma lei da Natureza, nada têm de sobrenatural. Vivendo no meio desse mundo, que não é tão imaterial quando o imaginam, uma vez que esses seres, conquanto invisíveis, têm corpos fluídicos

semelhantes aos nossos, sentimos a sua influência. A dos Espíritos bons é salutar e benéfica; a dos maus é perniciosa, como o contato das criaturas perversas na sociedade.

Em suma, dizemos que uma nuvem de seres invisíveis malfazejos abateu-se momentaneamente sobre Morzine, como ocorreu em muitas outras *localidades*; e não será com duchas nem alimentos suculentos que serão expulsos. Uns os chamam *diabos* ou *demônios*; nós os chamamos simplesmente *Espíritos maus* ou *Espíritos inferiores*, o que não implica uma melhor qualidade, embora seja muito diferente pelas conseqüências, considerando-se que a idéia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da Humanidade e perpetuamente votados ao mal, ao passo que eles são apenas as almas dos homens que foram maus na Terra, mas que acabarão por se melhorarem um dia. Vindo a essa localidade, fazem, como Espíritos, o que teriam feito se a ela tivessem comparecido em vida, isto é, o mal que faria um bando de malfeitores. Deve-se, pois, expulsá-los como se expulsaria uma tropa inimiga.

Está na natureza desses Espíritos a antipatia à religião, porque temem o seu poder, como os criminosos não simpatizam com a lei nem com os juízes que os condenam; e exprimem esse sentimento pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes, absolutamente certos quando dizem não passar de ecos. O paciente é reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem dominado por um inimigo mais forte, que o constringe a fazer a sua vontade. O *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal. Há subjugação obsessiva, e não possessiva.

Que absurdo! dirão certos doutores. Seja; mas nem por isso deixa de ser tido como verdade por grande número de médicos. Tempo virá, mais próximo do que se imagina, em que a ação do mundo invisível será reconhecida na sua generalidade e a influência dos Espíritos maus colocada entre as causas patológicas.

Será levado em conta o importante papel desempenhado pelo perispírito na fisiologia e uma nova via de cura será aberta para uma imensidão de doenças consideradas incuráveis.

Se assim é, perguntarão, de onde vem a inutilidade dos exorcismos? Isto prova uma coisa: é que os exorcismos, tais como são praticados, não valem mais que os remédios, porque sua eficácia não está no ato exterior, na virtude das palavras e sinais, mas no ascendente moral exercido sobre os Espíritos maus. Os doentes não diziam: “Não precisamos de remédios, mas de padres santos.” E os insultavam, dizendo *que não eram bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Era a alimentação de batatas que os levava a falar assim? Não, mas a intuição da verdade. Em casos semelhantes a ineficácia do exorcismo é constatada pela experiência. E por quê? Porque consiste em cerimônias e fórmulas de que se riem os Espíritos maus, ao passo que cedem ao ascendente moral que lhe impõem; vêem que os querem dominar por meios impotentes e querem mostrar-se mais fortes. São como o cavalo assombrado que derruba o cavaleiro inábil, ao mesmo tempo que se dobra quando encontra seu mestre.

“Numa dessas cerimônias – diz o Dr. Chiara – houve na igreja, onde haviam reunido as doentes, um tumulto horrível. Todas as mulheres caíram em crise simultaneamente, derrubando, quebrando os bancos da igreja e rolando pelo chão, em completa desordem com homens e crianças, que em vão se esforçavam para contê-las. Proferem juras horríveis, inacreditáveis. Interpelem os sacerdotes nos mais injuriosos termos.”

Neste momento cessaram as cerimônias públicas de exorcismo, mas foram exorcizar em casa, a qualquer hora do dia e da noite; como não produzisse melhores resultados, renunciaram definitivamente a essa atividade.

Citamos vários exemplos da força moral em semelhantes casos; e, ainda que não tivéssemos sob os olhos um

número suficiente de provas, bastaria lembrar a que exercia o Cristo, que, para expulsar os demônios, apenas ordenava que se retirassem. Comparai, no Evangelho, os possessos daquele tempo com os de hoje e vereis uma notável similitude. Jesus os curava por milagres, direis vós. Seja. Mas eis um fato que não considerareis miraculoso, por ter se passado entre os cismáticos:

O Sr. A..., de Moscou, que não havia lido o nosso relato, há poucos dias nos contava que, em suas propriedades, os habitantes de um vilarejo foram atingidos por um mal em tudo semelhante ao de Morzine: mesmas crises, mesmas convulsões, mesmas blasfemas, mesmas injúrias contra os padres, mesmo efeito do exorcismo, mesma impotência da ciência médica. Um de seus tios, o Sr. R..., de Moscou, poderoso magnetizador, homem de bem por excelência, de coração muito piedoso, tendo vindo visitar aqueles infelizes, interrompia as convulsões mais violentas pela simples imposição das mãos, sempre acompanhada de fervorosa prece. Repetindo o ato, acabou curando quase todos radicalmente.

Este exemplo não é único. Como explicá-lo, senão pela influência magnética, secundada pela prece, remédio pouco usado pelos nossos materialistas, porque não se encontra na farmacopéia nem nas drogarias? Não obstante, poderoso remédio quando parte do coração e não dos lábios, sustentado numa fé viva e num ardente desejo de fazer o bem. Descrevendo a obsessão em nossos primeiros artigos, explicamos a ação fluídica que se exerce em tal circunstância e daí concluímos, por analogia, que teria sido um poderoso auxiliar em Morzine.

Seja como for, parece que o mal chegou a seu termo, embora as condições da região continuem as mesmas. Por que isto? É o que ainda não nos é permitido dizer. Mas, como será reconhecido mais tarde, terá servido à causa do Espiritismo mais do que se pensa, ainda quando não fosse senão para provar, por um grande exemplo, que aqueles que não o conhecem não estão

preservados contra a ação dos Espíritos maus e a impotência dos meios ordinários empregados para os expulsar.

Ao terminar, queremos tranqüilizar certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns dentre eles teria podido exercer *causando o mal*, como o dizem. A crença nos feiticeiros deve ser relegada entre as superstições. Que sejam de coração piedoso e que os que estão encarregados de os conduzir se esforcem por elevá-los moralmente. Não há meio mais seguro para neutralizar a influência dos Espíritos maus e de prevenir a repetição do que se passou. Os Espíritos maus só se dirigem àqueles a quem sabem poder dominar e não àqueles cuja superioridade moral – não dizemos intelectual – protege contra os seus ataques.

Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que convém prevenir. Talvez perguntem: Por que nem todos os que fazem o mal são atingidos pela possessão? A isto respondemos que, fazendo o mal, sofrem de outra maneira a pernicioso influência dos Espíritos maus, cujos conselhos escutam, pelo que serão punidos com tanto mais severidade quanto mais agirem com conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, de nenhum amuleto, de nenhum signo, de nenhuma palavra para afastar os Espíritos maus. A pureza de coração e de intenção, o amor a Deus e ao próximo, eis o melhor talismã, porque lhes tira todo império sobre as nossas almas.

Eis a comunicação que a respeito deu o Espírito São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris:

“Os possessos de Morzine estão realmente sob a influência dos Espíritos maus, atraídos para aquela região por causas que conhecereis um dia, ou, melhor, que um dia vós mesmos reconhecereis. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má, isto é, os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos,

substituirão a maligna e cruel influência que desola aquela população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços; será o curador dos males, cuja causa antes não se conhecia e ante as quais a Ciência continua impotente; sondará as chagas morais e lhes prodigalizará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os Espíritos maus atraídos pelos vícios da Humanidade. Se todos os homens fossem bons, os Espíritos maus se afastariam, pois saberiam da impossibilidade de os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os Espíritos bons. Assim, sede bons, se quiserdes ter apenas Espíritos bons ao vosso lado.” (Médium: Sra. Costel).

Algumas Refutações

De vários pontos nos assinalam novas prédicas contra o Espiritismo, todas no mesmo espírito daquelas de que temos falado; e como não passam, quase sempre, de variantes do mesmo pensamento, em termos mais ou menos escolhidos, julgamos supérfluo fazer-lhes a análise. Limitar-nos-emos a destacar certas passagens, acompanhando-as de algumas reflexões.

“Meus irmãos, é um cristão que fala a cristãos e, nessa qualidade, temos o direito de nos admirarmos, vendo o Espiritismo crescer entre nós. O que é o Espiritismo, eu vos pergunto, senão um mosaico de *horrores* que só a loucura pode justificar?”

A isto nada temos a dizer, senão que todas as prédicas feitas nesta cidade foram incapazes de deter o crescimento do Espiritismo, como bem constata o orador; portanto, os argumentos que lhe opõem têm menos autoridade que os seus; e, se as prédicas emanam de Deus e o Espiritismo procede do diabo, é que este é mais poderoso que Deus. Nada mais brutal que um fato. Ora, a propagação do Espiritismo, em consequência mesma das prédicas,

é um fato notório, e por certo as pessoas julgam que os argumentos por ele dados são mais convincentes que os dos adversários. É uma trama de horrores. Seja. Mas haveis de concordar que se esses Espíritos viessem abraçar todas as vossas idéias, em vez de demônios, deles faríeis santos; e, longe de condenar as evocações, vós as encorajaríeis.

“Nosso século não respeita mais nada; nem mesmo a cinza dos túmulos é poupada, pois insensatos ousam chamar os mortos para conversar com eles. Infelizmente é assim. Eis até onde chegou esse pretense século das luzes: conversar com as almas do outro mundo.”

Conversar com os mortos não é privilégio deste século, já que a história de todos os povos comprova que isto tem ocorrido em todos os tempos. A única diferença é que hoje isto é feito em toda parte sem os acessórios supersticiosos com que outrora cercavam as evocações, e com um sentimento mais religioso e mais respeitoso. De duas uma: ou a coisa é possível, ou não é. Se não é, é uma crença ilusória, tal como acreditar na fatalidade da sexta-feira, na influência do sal derramado. Não vemos, pois, que haja tantos horrores e que se falte com o respeito conversando com seres que já não pertencem a este mundo. Se os mortos vêm conversar conosco, só pode ser com a permissão de Deus, a menos que se pretenda que venham sem essa permissão, ou contra a sua vontade, o que implicaria que Deus não se importa com isso ou que os evocadores são mais poderosos que Deus. Mas notai as contradições: de um lado dizeis que *só* o diabo se comunica e, de outro, que se perturbam as cinzas dos mortos, chamando-os. Se é o diabo, não são os mortos; portanto, não são perturbados nem se lhes falta com o respeito. Se são os mortos, então não é o diabo. Seria preciso, ao menos, que vos pusésseis de acordo sobre este ponto capital. Admitindo que sejam os mortos, reconhecemos que haveria profanação em chamá-los levemente, por razões fúteis, sobretudo para fazer disto profissão lucrativa. Condenamos todas

essas coisas e não nos responsabilizamos pelos que se afastam dos princípios do Espiritismo sério. Não assumais responsabilidade pelos falsos devotos, que da religião só têm a máscara, que pregam o que não praticam ou que especulam com as coisas santas. Certamente evocações feitas em condições burlescas atribuídas a um eloqüente orador que citamos mais adiante, seriam um sacrilégio; mas, graças a Deus, não nos envolvemos com isso e não cremos que a do Sr. Viennois, igualmente referida adiante, esteja neste caso.

“Eu mesmo testemunhei estes fatos e ouvi pregar a moral, a caridade; é verdade. Mas sobre que se apóiam esta moral e esta caridade? Ah! sobre nada, porquanto não se pode chamar moral uma doutrina que nega as penas eternas.”

Se essa moral leva a fazer o bem sem o temor das penas eternas, é mais meritória ainda. Outrora se julgava impossível manter a disciplina na escola sem o medo da palmatória. Eram melhores os estudantes? Não; hoje ela não é mais usada e eles não são piores: ao contrário. Logo, o regime atual é preferível.

Julga-se a qualidade de um meio pelos seus efeitos. Aliás, a quem se dirige essa moral? Exatamente aos que não acreditam nas penas eternas, e a quem damos um freio, que aceitam, ao passo que não lhos dais, uma vez que não aceitam o vosso. Impedimos acreditem na danação absoluta aqueles a quem isto convém? Absolutamente. Ainda uma vez, não nos dirigimos aos que têm fé e aos quais esta basta, mas aos que não a têm ou duvidam. Preferiríeis que eles ficassem na incredulidade absoluta? Seria pouco caridoso. Temeis que vos tomem ovelhas? É que não tendes muita confiança no poder de vossos meios para retê-las; é que receais que elas sejam atraídas pela erva tenra do perdão e da misericórdia divina. Acreditais, então, que as que vacilam na incerteza preferirão as labaredas do inferno? Por outro lado, quem deve estar mais convencido das penas eternas, senão os que são alimentados no seio

da Igreja? Ora, dizei por que essa perspectiva não deteve todos os escândalos, todas as atrocidades, todas as prevaricações contra as leis divinas e humanas, que pululam na História e se reproduzem incessantemente em nossos dias? São crimes ou não? Se, pois, os que fazem profissão desta crença não são tolhidos em suas ações, como querer que o sejam os que não crêem? Não; ao homem esclarecido de nossos dias é preciso outro freio: aquele que sua razão admite. Ora, a crença nas penas eternas, talvez útil em outras épocas, está superada; extingue-se dia a dia e, por mais que fizerdes, não dareis vida a um cadáver nem fareis reviver os usos, costumes e idéias da Idade Média. Se a Igreja Católica julga sua segurança comprometida pelo desaparecimento dessa crença, devemos lamentá-la por repousar sobre base tão frágil, porque, se algo a atormenta, este é o dogma das penas eternas.

“Assim, apelo à moralidade de todas as almas honestas; apelo aos magistrados, pois eles são responsáveis por todo o mal que semelhante heresia atrai sobre nossas cabeças.”

Não sabíamos que na França os magistrados fossem encarregados de instaurar processos contra as heresias, pois se entre eles há católicos, também há protestantes e judeus; assim, os próprios heréticos se incumbiriam de sua perseguição e condenação. E os há entre os funcionários da mais alta categoria.

“Sim, os espíritas – e não receio declarar aqui abertamente – não apenas são passíveis da polícia correcional e da Corte Imperial, mas, também – prestai bem atenção – do tribunal do júri, porque são falsários; assinam comunicações em nome de pessoas que certamente jamais as teriam assinado em vida, pessoas que hoje eles tanto fazem falar.”

Os espíritas estão realmente muito contentes, porque Confúcio, Sócrates, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, Fénelon e outros não lhes podem mover processos por crimes de

falsificação de escrita particular. Bem que eu sonho com isso: eles teriam uma tábua de salvação precisamente nos tribunais do júri a cuja jurisdição estão sujeitos, pois ali os jurados se pronunciam segundo a sua consciência. Ora, entre eles há também protestantes e judeus; há, até – coisa abominável! – filósofos, incrédulos, horríveis livres-pensadores que, à vista de nossas detestáveis leis modernas, se acham em toda parte. Assim, se nos acusam de fazer Santo Agostinho dizer algo de heterodoxo, sempre encontraremos jurados que nos absolvam. Ó perversidade do século! dizer que em nossos dias Voltaire, Diderot, Lutero, Calvino, João Huss, Ário teriam sido jurados por direito de nascimento, que poderiam ter sido juízes perfeitos, ministro da justiça e mesmo dos cultos! Vede-os, esses celerados infernais, a se pronunciarem sobre uma questão de heresia! Porque, para condenar a assinatura de Fénelon, posta abaixo de uma suposta comunicação herética, é preciso julgar a questão da ortodoxia; e quem será competente no júri?

“Entretanto, seria tão fácil interditar semelhante *impiedade!* O que se precisaria fazer? quase nada; mesmo sem lhes fazer a honra da capa do comissário, podeis colocar um sargento à entrada de cada grupo para dizer: não entreis. Pinto o mal e descrevo o remédio, apenas isto, pois eu os dispense da Inquisição.”

Muito obrigado, mas não há grande mérito em oferecer aquilo que não se tem. Infelizmente, para vós, não podeis contar com a Inquisição, sem o que seria duvidoso que nos liberásseis dela. O que não dizeis aos magistrados, visando à interdição da entrada dos templos judeus e protestantes, onde se pregam publicamente dogmas que não são os vossos? Quanto aos espíritas, não têm templos nem sacerdotes, mas – o que para vós é a mesma coisa – grupos, à entrada dos quais basta pôr um sargento para que tudo fique dito. Realmente é muito simples. Mas esqueceis que os Espíritos ignoram qualquer proibição e entram em toda parte sem pedir permissão, mesmo em vossa casa, pois os tendes ao vosso

lado, escutando-vos, sem que o suspeiteis e, ademais, vos falando ao ouvido. Trazei à memória as vossas lembranças e vereis que tivestes mais de uma manifestação, mesmo sem a haverdes buscado.

Pareceis ignorar uma coisa que é bom saibais. Os grupos espíritas não são absolutamente necessários; são simples reuniões onde se sentem felizes por encontrar-se pessoas que pensam do mesmo modo. E a prova disto é que hoje, na França, há mais de 600.000 espíritas, 99% dos quais não fazem parte de nenhum grupo e neles jamais puseram os pés; que eles não existem numa porção de cidades; que nem os grupos nem as sociedades abrem suas portas ao público para pregar suas doutrinas aos transeuntes; que o Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas, porque responde a uma necessidade da época; que as idéias espíritas estão no ar e são aspiradas por todos os poros da inteligência; que o *contágio* está no exemplo dos que são felizes com essas crenças e que são encontrados por toda parte, na sociedade, sem que se precise procurá-los nos grupos. Assim, não são os grupos que fazem a propaganda, pois não apelam ao primeiro que apareça; ela é feita pouco a pouco, de indivíduo a indivíduo. Se, portanto, admitíssemos a interdição de todas as reuniões, os espíritas ficariam livres para se reunirem em família, como já ocorre em milhares de lugares, sem que o Espiritismo nada sofra com isso; muito ao contrário, pois temos sempre condenado as grandes assembléias, que são mais prejudiciais que úteis; além disso, a intimidade é reconhecida como a condição mais favorável às manifestações. Interditaríeis as reuniões familiares? Colocaríeis um sargento à porta de um salão para vigiar o que se passa à lareira? Isto não se faz na Espanha, nem em Roma, onde há mais espíritas e médiuns do que pensais. Só faltava isso para aumentar ainda mais a importância do Espiritismo.

Admitamos agora a interdição legal dos grupos. Sabeis o que fariam esses espíritas que acusais de semear a desordem? Eles

diriam: Respeitamos a lei; *dura lex, sed lex*. Vamos dar o exemplo, mostrando que, se pregamos a união, a paz e a concórdia, não é para nos transformarmos em promotores de desordens. As sociedades organizadas não são necessárias à existência do Espiritismo; não há entre elas nenhuma solidariedade material que possa ser quebrada por sua supressão. O que os Espíritos aí ensinam, igualmente ensinam numa conversa particular entre duas pessoas, porque o Espiritismo tem o incrível privilégio de ter o seu foco de ensino por toda parte. Seu sinal de ligação é o amor de Deus e do próximo e, para o pôr em prática, não há necessidade de reuniões oficiais, pois ele tanto se estende sobre os amigos quanto sobre os inimigos. Qualquer um pode dizer o mesmo; e mais de uma vez a autoridade não tem encontrado resistência onde esperava encontrar a maior submissão? Se os espíritas fossem pessoas tão turbulentas e tão pervertidas quanto pretendeis, por que os funcionários encarregados da manutenção da ordem têm menos trabalho nos centros onde eles constituem maioria? Um funcionário chegou a dizer que se todos os seus administrados fossem espíritas, sua repartição podia ser fechada. Por que há menos penas disciplinares entre os militares espíritas?

E, depois, não pensais que atualmente há espíritas em toda parte, de alto a baixo na escala social; que há reuniões e médiuns até em casa daqueles que invocais contra nós. Vede, pois, que o vosso meio é insuficiente; é preciso buscar outro. – Temos a condenação fulminante do púlpito. – Está bem; e vós a usais largamente. Mas não vedes que por toda parte onde lançam raios o número de espíritas aumenta? – Temos a censura da Igreja e a excomunhão. – É melhor; mas ainda uma vez bateis no vazio. Repetimos: o Espiritismo nem se dirige a vós nem aos que estão convosco; não os vai buscar e dizer-lhes: deixai a vossa religião e segui-me; sereis danados se não o fizerdes. Não; ele é mais tolerante que isso e deixa a cada um a liberdade de consciência. Como já dissemos, ele se dirige à massa inumerável dos incrédulos, aos que duvidam e aos indiferentes; estes não estão convosco e vossas

censuras não os podem atingir. Eles vinham a vós, mas os repelíeis. Quanta inabilidade! Se alguns dos vossos os seguem, é que vossos argumentos não são bastante fortes para os reter e não é com rigor que o conseguireis. O Espiritismo agrada porque não se impõe e é aceito pela vontade e o livre-exame. Nisto ele é de nossa época. Agrada pela doçura, pelas consolações que prodigaliza nas adversidades, pela fé inabalável que dá no futuro, na bondade e na misericórdia de Deus. Além disso, ele se apóia em fatos patentes, materiais, irrecusáveis, que desafiam toda negação. Eis o segredo de sua tão rápida propagação. Que lhe opondes? Sempre a danação eterna, expediente ruim para os tempos que correm; depois a deturpação de suas doutrinas: vós o acusais de pregar o aborto, o adultério e todos os crimes. A quem pensais impor isto? Não aos espíritas, certamente. Aos que não o conhecem? Mas nesse número muitos querem saber o que é essa abominável doutrina; lêem, e vendo que ela diz exatamente o contrário do que lhe atribuem, vos deixam para a seguir. E isto sem que ele os vá procurar.

A posição, bem o sei, é embaraçosa: Se falamos contra o Espiritismo – dizeis – recrutamos-lhe partidários; se nos calamos, ele marcha sozinho. Que fazer então? Outrora se dizia: Deixai passar a justiça do rei; agora é preciso dizer: Deixemos passar a justiça de Deus.

(Continua no próximo número)

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SR. PHILIBERT VIENNOIS

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de março de 1863

– Médium: Sr. Leymarie)

1. Evocação.

Resp. – Estou junto de vós.

2. Tínheis combinado com a Sra. V... que, dos dois, o que ficasse se dirigiria a mim para que eu evocasse o que havia partido. A Sra. V... informou-me desse compromisso e é com alegria que me disponho a fazer a evocação. Sei que éreis um espírita fervoroso e, além disso, dotado de bom coração, circunstâncias que só podem despertar o nosso desejo de conversar convosco.

Resp. – Posso então te escrever e me aproximar de ti para exprimir tudo quanto o meu Espírito sente de benevolência a teu respeito. Obrigado por toda a felicidade que me deste, esposa querida, tu que me fizeste amar a crença, santa regra dos meus últimos dias junto de ti. Sinto-me muito feliz por hoje colher todos os bens que nos eram prometidos pela fé venerada, que nos mostra uma outra vida que não a da Terra. Estou de posse de um poder desconhecido pelos homens; a imensidade nos pertence; posso compreender melhor e melhor amar-te; minhas sensações já não são obscuras e o que há de divino em nós é de uma simplicidade extrema, porquanto tudo o que é grande é simples. A grandeza é o verdadeiro elemento do Espírito.

Estou sempre perto de ti. Doravante serás feliz, porque eu te envolverei com o meu fluido, que te fortalecerá, se for necessário. Quero que sejas sempre corajosa, boa e sobretudo espírita. Com esses três elementos, bendirás a Deus por ter-me chamado para ele, pois eu te espero, persuadido de que, graças ao Espiritismo, Deus te reserva um bom lugar entre nós.

3. Tende a bondade de nos descrever vossa passagem ao mundo dos Espíritos, vossas impressões e a influência dos conhecimentos espíritas em vossa elevação.

Resp. – A morte, que eu esperava, não era sofrimento para mim, mas um desligamento completo da matéria. O que eu via era uma nova vida; o futuro divino, essa hora desejada, veio com calma. É certo que lamentava a presença¹⁷ de minha companheira,

17 N. do T.: Não seria ausência?

que eu não podia deixar sem dor: é o último elo da cadeia que une o Espírito à matéria; uma vez rompido, pouco sofreu a passagem da vida à morte; meu Espírito levou as preces de minha bem-amada. Todas as impressões se me extinguíram para que eu acordasse no nosso domínio, espíritas. A viagem é um sono para o justo; a ruptura é natural; mas, ao primeiro despertar, que admiração! como tudo é novo, esplêndido, maravilhoso! Aqueles a quem eu amava e outros Espíritos, meus amigos de precedentes encarnações, me acolheram e abriram as portas da existência verdadeira, nesse parque sem limites chamado céu. Não podeis compreender as minhas impressões, nem eu as saberia exprimir. Tentarei vo-las comunicar de outra vez.

4. Ao receber a carta da Sra. V..., dirigi-lhe uma prece de circunstância. Podeis dizer-me o que pensais a respeito?

Resp. – Obrigado pela vossa benevolência, Sr. Kardec; não poderíeis ter feito melhor. Os que choram os ausentes necessitam do Espírito de Deus, mas, também, do apoio de outros Espíritos benévolos, e os Espíritos devem sê-lo. Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e *incrédulos*, que são testemunhas invisíveis de vossas sessões (esta prece tinha sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Muitas vezes restituís ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desdenhar do conselho de um irmão menor que nós mesmos é reconhecer o laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas.

5. Eu queria vos pedir que me désseis uma comunicação para a Sra. V..., mas vejo que vos antecipastes ao meu pensamento.

Resp. – À vossa primeira pergunta respondi à minha mulher, quando deveria tê-lo feito à Sociedade Espírita. Perdoai-me, pois eu cumpria uma promessa. Sei que, pela persuasão, atraís aqueles que desejam ser consolados. Conversar com os ausentes do

outro mundo será a maior felicidade daqueles que nem tudo sacrificam ao ouro e ao prazer. Por favor, dizei à minha esposa que minha presença jamais lhe faltará. Trabalharemos juntos para o seu progresso espiritual. Mandai-lhe esta comunicação; queria dizer-lhe tantas palavras boas, que me faltam as expressões; que ela ame sempre nossa família, a fim de que esta, pelo seu exemplo, possa tornar-se espírita e crer na vida eterna, que é a vida de Deus.

Viennois

A seguir publicamos a prece acima referida, e que nos foi dada pelos Espíritos para as circunstâncias análogas:

PRECE PELAS PESSOAS A QUEM TIVEMOS AFEIÇÃO¹⁸

Prefácio – Que horrenda é a idéia do Nada! Quão de lastimar são os que acreditam que no vácuo se perde, sem encontrar eco que lhe responda, a voz do amigo que chora o seu amigo! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio, que com a sua vasta inteligência iluminou o mundo, é uma combinação de matéria, que, qual sopro, se extingue para sempre; que do mais querido ente, de um pai, de uma mãe, ou de um filho adorado não restará senão um pouco de pó que o vento irremediavelmente dispersará.

Como pode um homem de coração conservar-se frio a essa idéia? Como não o gela de terror a idéia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje não lhe foi suficiente a razão para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissipar toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Tanto assim é que por toda parte essas provas são acolhidas com

18 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVIII, itens 62 e 63.

júbilo; a confiança renasce, pois, doravante sabe o homem que a vida terrestre é apenas uma breve passagem conducente a melhor vida; que seus trabalhos neste mundo não ficam perdidos e que as afeições mais santas já não se despedaçam sem esperanças.

Prece – Digna-te, ó meu Deus, de acolher, benévolo, a prece que te dirijo pelo Espírito N... Faz-lhe entrever as claridades divinas e torna-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permite que os Espíritos bons lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu, que tão caro me eras neste mundo, escuta a minha voz, que te chama para te oferecer novo penhor da minha afeição. Permitiu Deus que te libertasses antes de mim e disso não me poderia queixar sem egoísmo, porquanto fora te querer sujeito ainda às penas e sofrimentos da vida. Espero, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso no qual me precedeste.

Sei que é apenas temporária a nossa separação e que, por mais longa me possa parecer, a sua duração nada é em face da ditosa eternidade que Deus promete aos seus escolhidos. Que a sua bondade me preserve de fazer o que quer que retarde esse desejado instante e me poupe assim à dor de te não encontrar, ao sair do meu cativo terreno.

Oh! quão doce e consoladora é a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te oculta às minhas vistas! de que podes estar aqui, ao meu lado, a me ver e ouvir como outrora, se não ainda melhor do que outrora; de que não me esqueces, do mesmo modo que eu te não esqueço; de que os nossos pensamentos constantemente se entrecruzam e que o teu sempre me acompanha e ampara.

Um Argumento Terrível contra o Espiritismo

HISTÓRIA DE UM ASNO

Num sermão pregado ultimamente contra o Espiritismo, já que foi dada a palavra de ordem de o perseguir em todos os flancos, bem como os seus partidários, o orador, querendo dar-lhe uma bordoadada, contou a seguinte anedota:

“Há três semanas uma senhora perdeu o marido. Apresentou-se um médium para lhe propor uma conversa com o defunto e, quem sabe? até mesmo vê-lo. A visão não se deu, mas o extinto explicou à mulher, pela mão do médium, que não foi julgado digno de entrar na mansão dos bem-aventurados e que se viu obrigado a reencarnar *imediatamente*, para expiar graves pecados. Adivinhais onde? A um quilômetro daqui, em casa de um moendeiro, na figura de um asno espancado. Julgai da dor da pobre senhora, que corre ao moendeiro, *abraça o humilde animal* e propõe sua compra. O moendeiro foi duro na negociação, mas cedeu, finalmente, à vista de um bom saco de dinheiro; e, desde quinze dias, mestre Aliboron ocupa um aposento particular na casa daquela senhora, cercado de cuidados jamais desfrutados, *desde que a Deus aprouve criar esta raça estimável*.”

Duvidamos que o auditório se tenha deixado convencer pela história; mas o que colhemos de testemunhas auriculares é que a maioria dos ouvintes achou que ela ficaria melhor num folhetim burlesco do que no púlpito, tanto pelo fundo quanto pela escolha das expressões. Certamente o orador ignorava que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal (*O Livro dos Espíritos*, n^{os} 118, 612 e 613).

O que ainda mais nos espanta é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto divertido e em termos que não primam pela dignidade. Além disso, é ver um

sacerdote tratar assim com tanta insolência a obra de Deus, por estas palavras pouco reverentes: “Desde que a Deus aprouve criar esta raça estimável.” O assunto foi tão mal escolhido para fazer graça que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus e que Jesus não se sentiu desonrado por entrar em Jerusalém montado num exemplar daquela raça.

Que se faça um paralelo do quadro burlesco da dor daquela suposta viúva com o da viúva verdadeira cujo relato demos acima e se diga qual dos dois é mais edificante, mais marcado de verdadeiro sentimento religioso e de respeito à Divindade; enfim, qual deles estaria mais bem colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contastes, senhor pregador, não a reencarnação num jumento, mas a credulidade da viúva nessa encarnação; como castigo, que lhe teríeis oferecido no lugar? As labaredas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa viúva sem dúvida teria respondido: “Prefiro saber meu marido no corpo de um asno a vê-lo queimado por toda a eternidade.” Suponde, agora, que ela tivesse de escolher entre o vosso quadro de torturas sem-fim e o que nos dá mais acima o Espírito Viennois. Credes que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por conta própria, não vacilaríeis.

Algumas Palavras Sérias a Propósito de Bordoadas

Um de nossos correspondentes nos escreve de uma cidade do sul:

“Venho hoje fornecer nova prova de que a cruzada da qual vos falei se traduz de mil formas. Assistia ontem a uma reunião onde se discutia calorosamente pró e contra o Espiritismo. Um dos

assistentes avançou o seguinte: ‘As experiências do Sr. Allan Kardec não são melhores do que as de que acabamos de falar. O Sr. Kardec se esquivava de contar em sua *Revista* todas as mistificações e tribulações que experimenta. Sabeis, por exemplo, que no mês de setembro do ano passado, numa reunião de cerca de trinta pessoas, havida em sua própria casa, todos os assistentes receberam violentas bordoadas dos Espíritos? Eu estava em Paris na ocasião e colhi esse detalhe de uma pessoa que acabara de assistir à reunião e que mostrou em seu ombro a contusão provocada por uma violenta bordoadada. – Não vi o bordão, disse-me ela, mas senti a pancada.’

“Desnecessário dizer-vos que gostaria de ser esclarecido sobre este ponto e que vos seria muito grato pelas explicações que tiverdes a bondade de me dar, etc.”

Não teríamos entretido nossos leitores com um caso tão insignificante, se ele não tivesse fornecido matéria para uma instrução que pode ter utilidade agora; de outro modo jamais acabaríamos se tivéssemos de refutar todos os contos absurdos que inventam.

Resposta – Meu caro senhor, o fato de que me falais não é impossível e dele há mais de um exemplo. Dizer que se passou em minha casa é reconhecer implicitamente a manifestação dos Espíritos. Contudo, a forma do relato denota uma intenção com a qual não posso concordar com o autor. Ele pode ser *um crente*, mas seguramente não é indulgente e esquece a base da moral espírita: a caridade. Se, como pretende a pessoa tão bem informada, o fato tivesse acontecido, eu não deveria guardar silêncio, porquanto seria um fato capital que não poderia ser posto em dúvida, pois, como foi dito, havia trinta testemunhas levando nos ombros a prova da existência dos Espíritos. Infelizmente, para o vosso narrador, não há uma só palavra verdadeira na história. Dou-lhe, pois, um desmentido formal, bem como àquele que afirma ter assistido à

sessão e desafio a ambos a virem sustentar o que dizem perante a Sociedade de Paris, como o fazem a duzentas léguas.

Os contadores de história não pensam em tudo e se deixam apanhar em sua própria armadilha. É o que ocorreu neste caso, porquanto há, para um fato tão positivamente afirmado por suposta testemunha ocular, uma impossibilidade material: é que a Sociedade suspende suas sessões de 15 de agosto a 1^o de outubro; que, partindo de Paris no fim do mês de agosto, só voltei a 20 de outubro; que, conseqüentemente, no mês de setembro estava em plena viagem. Como vedes, é um álibi dos mais autênticos.

Se, pois, a pessoa em questão levasse nos ombros as marcas das bordoadas, e desde que não houve reunião em minha casa, é que ela as recebeu *albures* e, não querendo dizer *onde nem como*, achou divertido acusar os Espíritos, o que era menos comprometedor e dispensava qualquer explicação.

Realmente atribuí muita importância, meu caro senhor, a essa historinha ridícula, fazendo-a figurar entre os atos da cruzada contra o Espiritismo. Há tantas outras dessa natureza que era preciso não ter o que fazer para se dar ao trabalho de as refutar. A hostilidade traduz-se por atos mais sérios e que, entretanto, não são mais inquietantes. Atribuí demasiada importância às diatribes de nossos adversários. Pensai, pois, que quanto mais se agitam para combater o Espiritismo, mais provam a sua importância. Se não passasse de mito ou de um sonho vão, não se inquietariam tanto; o que os torna tão furiosos e obstinados contra ele é que o vêem avançar contra o vento e a maré, sentindo apertar-se cada vez mais o círculo onde se movem.

Deixai, pois, os gracejadores de mau gosto inventar histórias da carochinha e a outros jogar o veneno da calúnia, porque semelhantes meios são a prova de sua impotência para atacar com boas razões. Deles o Espiritismo nada tem a temer, ao

contrário; são as sombras que realçam o brilho; os mentirosos gastam à-toa sua invenção e a vergonha toma conta dos caluniadores. O Espiritismo tem a sina de todas as verdades novas que excitam as paixões das pessoas cujas idéias e interesses elas podem contrariar. Ora, vede se todas as grandes verdades que foram combatidas com maior obstinação não superaram todos os obstáculos que lhes foram opostos, se uma só sucumbiu aos ataques dos inimigos. As idéias novas que apenas tiveram um brilho passageiro caíram por si mesmas, porque não tinham em si a vitalidade que só a verdade pode dar; são as que foram menos atacadas, ao passo que as que prevaleceram o foram com mais violência.

Não penseis que a guerra dirigida contra o Espiritismo tenha chegado ao apogeu. Não; ainda é preciso que certas coisas se realizem para abrir os olhos dos mais cegos. Não posso nem devo dizer mais no momento, porque não convém entrar a marcha necessária dos acontecimentos. Entrementes, eu vos digo: Quando ouvirdes declamações furibundas, quando presenciardes atos materiais de hostilidade venham de onde vierem, longe de vos inquietardes com eles, aplaudi-os, sobretudo quanto mais repercussão tiverem, porque é um dos sinais prenunciadores de triunfo próximo. Quanto aos verdadeiros espíritas, devem distinguir-se pela moderação, deixando aos antagonistas o triste privilégio das injúrias e das personalidades que nada provam, a não ser uma falta de habilidade a princípio, e a penúria de boas razões a seguir.

Aproveitando a ocasião, eu vos peço ainda algumas palavras sobre a conduta a tomar em relação aos adversários. Tanto é dever de todo bom espírita esclarecer aos que o procuram de boa-fé, quanto é inútil discutir com antagonistas de má-fé ou que têm opinião preconcebida, os quais, muitas vezes, estão mais convencidos do que parece, mas não o querem confessar. Com estes toda polêmica é inútil, porque não tem objetivo nem pode

resultar em mudança de opinião. Muita gente de boa vontade reclama para que não percamos tempo com os outros.

Tal a linha de conduta que sempre aconselhei, e tal a que invariavelmente sempre segui, tendo-me absterido sempre de ceder às provocações que me foram feitas, de descer à arena das controvérsias. Se, por vezes, contesto certos ataques e afirmações errôneas, é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta, e dar aos espíritas meios de refutação, caso necessário. Aliás, há alguns que reservo para mais tarde. Como não sou impaciente, observo tudo com calma e sangue-frio. Espero confiante o momento oportuno, pois sei que virá, deixando que os adversários se aventurem por um caminho sem saída para eles. A medida de suas agressões não está cheia; é preciso que o esteja. O presente prepara o futuro. Até aqui não há nenhuma objeção séria que não se ache refutada em meus escritos. Não posso, pois, senão enviar a eles, para não ter de me repetir incessantemente com todos aqueles a quem agrada falar do que não sabem a primeira palavra. Toda discussão se torna supérflua com gente que não leu, ou, se leu, sustenta, numa atitude premeditada, o oposto do que é dito.

As questões pessoais apagam-se ante a grandeza do objetivo e o conjunto do movimento irresistível que se opera nas idéias. Pouco importa, pois, que este ou aquele seja contra o Espiritismo, quando se sabe não estar no poder de ninguém impedir a realização dos fatos. É o que a experiência confirma todos os dias.

Digo, pois, a todos os espíritas: continuai a semear a idéia; espalhai-a pela doçura e pela persuasão e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia a que só se recorre quando não se é bastante forte pelo raciocínio.

Vosso dedicado,

A. K.

Exame das Comunicações Mediúnicas que nos são Enviadas

Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, quer nos pedindo conselho e julgamento de suas tendências, quer, da parte de alguns, na esperança de as verem publicadas na *Revista*. Todas nos foram entregues com a faculdade de delas dispor como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação e esperamos que ninguém haja de se surpreender ante a impossibilidade de inseri-las todas, considerando-se que, além das já publicadas, há mais de três mil e seiscentas que, sozinhas, teriam absorvido cinco anos *completos* da *Revista*, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos, dos quais falaremos adiante. A apreciação crítica deste exame nos fornecerá matéria para algumas reflexões, que cada um poderá tirar proveito.

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos com que se revestem. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados, e não de grupos. Só a fascinação os poderia levar a tomá-las a sério e impedir que vissem o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade das opiniões.

Todavia, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, sem significar que todas devam ser publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os Espíritos bons ensinam mais ou menos a mesma coisa em toda parte, porque em toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; muitas vezes a diferença está apenas na correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, tendo em conta a publicidade, não se deve considerá-las de seu ponto de vista, mas do do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa, mas além do fato de que certas pessoas podem ter ilusão sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares se obtêm coisas semelhantes, e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá as comunicações adquiriram, em todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos. Aquilo que então era admirado parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades adicionais, como forma ou como alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os espíritas e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela vastidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres do escolar o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações sob o título de *A Mesa Falante*, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para a época. Continha uma porção de

pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, atraíam profundamente a curiosidade. Aí procuramos em vão alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista*; tudo quanto tivéssemos colhido seria hoje pueril e sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinqüenta assinantes. Os espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, sem dúvida os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam aos milhares e que por toda parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco ou medíocre.

Não falamos assim para desencorajar as publicações; longe disso. Mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Aprofundando os seus ensinamentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter imensa utilidade, sob duplo aspecto: espalhar nas massas o ensino dado na intimidade e mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos toda vez que forem feitas em boas condições.

Antes de mais, convém dela afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; o importante é enganar-se o menos possível. Há

Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum. Como essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes, inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais não encontramos, em trinta, mais que cinco ou seis de real valor. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se disfarce como garantia. Quanto mais alto o nome, maior o cuidado. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo; eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, muitas vezes, idéias excêntricas e traços inequívocos da mais profunda ignorância. É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir; e alguns

pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor atencioso que se encarregue da tarefa.

É principalmente em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, se não nos quisermos expor a fazer discípulos à nossa custa. É, ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios, que se retiram inevitavelmente quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em suma, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Algumas há cuja publicação seria intempestiva e, por isso mesmo, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias das que nos são dirigidas estão neste caso e, conquanto muito boas, devem ser adiadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo.

Questões e Problemas

ESPÍRITOS INCRÉDULOS E MATERIALISTAS

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de março de 1863)

Pergunta – Na evocação do Sr. Viennois, feita na última sessão, encontra-se esta frase: “Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e *incrédulos*.” Como podem os Espíritos ser incrédulos? O meio em que se acham não é, para eles, a negação da incredulidade?

Pedimos aos Espíritos que quiserem comunicar-se, que tratem dessa questão, caso julguem conveniente.

Resposta – (Médium: Sr. d'Ambel). A explicação que me pedis não está escrita minuciosamente em vossas obras? Perguntais por que os *Espíritos incrédulos* ficaram comovidos. Mas vós mesmos não tendes dito que os Espíritos que se acham na erraticidade aí haviam entrado com suas aptidões, conhecimentos e maneira de ver passados? Meu Deus! Sou ainda muito incipiente para resolver a contento as questões espinhosas da doutrina. Não obstante posso, por experiência, a bem dizer recentemente adquirida, responder às questões de fatos. No mundo em que habitais, acreditava-se geralmente que a morte vem de repente modificar a opinião dos que se foram e que a venda da incredulidade é violentamente arrancada aos que na Terra negavam Deus. Aí está o erro, porque, para estes, a punição começa justamente em permanecerem na mesma incerteza relativamente ao Senhor de todas as coisas e a conservarem a mesma dúvida da Terra. Não, crede-me; a vista obscurecida da inteligência humana não percebe instantaneamente a luz. Procedede-se na erraticidade ao menos com tanta prudência quanto na Terra; assim, não se deve projetar os raios de luz elétrica sobre os olhos dos doentes que se queira curar.

A passagem da vida terrestre à espiritual oferece, é certo, um período de confusão, de perturbação para a maioria dos que desencarnam. Alguns há, no entanto, que, desprendidos dos bens terrenos ainda em vida, realizam essa transição tão facilmente quanto uma pomba que se eleva no ar. É fácil perceberdes essa diferença examinando os hábitos dos viajantes que embarcam para atravessar os oceanos. Para alguns a viagem é um prazer; para a maioria um sofrimento, uma aflição que durará até o desembarque. Pois bem! Ocorre o mesmo com quem viaja da Terra ao mundo dos Espíritos. Alguns se desprendem rapidamente, sem sofrimento e sem perturbação, ao passo que outros são submetidos ao mal da travessia etérea. Mas acontece isto: assim como os viajantes que

tocam a terra, ao sair do navio, recuperam o equilíbrio e a saúde, também o Espírito que transpõe os obstáculos da morte acaba por se achar, como no ponto de partida, com a consciência limpa e clara de sua individualidade.

É, pois, certo, meu caro Sr. Kardec, que os incrédulos e os materialistas absolutos conservam sua opinião além do túmulo, até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro, ali escondido. Por isso essa difusão de idéias nas manifestações e essa divergência nas comunicações dos Espíritos de além-túmulo; por isso alguns ditados impregnados de *ateísmo* ou de *panteísmo*.

Permiti-me, ao terminar, voltar às questões que me são pessoais. Agradeço-vos porque me evocastes; isto ajudou a me reconhecer. Agradeço também as consolações que dirigistes à minha mulher e vos peço continueis vossas boas exortações, a fim de sustentá-la nas provas que a esperam. Quanto a mim, estarei sempre junto a ela e a inspirarei.

Viennois

Pergunta – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreenderia o materialismo, pois seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada depois da morte.

Resposta – (Médium: Sr. d'Ambel). Apenas uma palavra: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, os que em vida só admitiam um princípio na Natureza – a matéria – muitas vezes não percebem ainda, depois da morte, senão esse princípio único, absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a vida, achá-los-íeis certos, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se olham como corpos fluídicos: eis tudo.

Notai bem que eles se apercebem sob uma forma claramente circunscrita, conquanto vaporosa, idêntica à que tinham na Terra, em estado sólido ou humano, de tal sorte que não vêem em seu novo estado senão uma transformação de seu ser, no qual não haviam pensado. Mas ficam convencidos de que é um encaminhamento para o fim a que chegarão, quando estiverem suficientemente desprendidos, para se diluírem no todo universal. Nada mais obstinado do que um sábio; e eles persistem em pensar que, nem por ser demorado, esse fim é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de aprisionar mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de os impedir que se afastem das regiões terrestres ou similares à Terra. E, assim como a maioria dos desencarnados, cativos na carne, não pode perceber as formas vaporosas dos Espíritos que os cercam, também a opacidade do envoltório dos materialistas lhes impede a contemplação das entidades espirituais que se movem, tão belas e tão riosas, nas altas esferas do império celeste.

Erasto

Outra – (Médium: Sr. A. Didier). A dúvida é a causa das penas e, muitas vezes, dos erros deste mundo. Ao contrário, o conhecimento do Espiritualismo causa as penas e os erros dos Espíritos.

Onde estaria o castigo se os Espíritos não reconhecessem seus erros senão como conseqüência da realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria o seu castigo se sua alma e seu coração não sentissem todo o erro do cepticismo terreno e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne e o homem materialista que aqui duvidou não mais duvida lá em cima.

O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e satisfações terrestres, eles que ainda não podem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma. E vede o rebaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, lamentando esses bens que, momentaneamente, constituíram a sua alegria e atualmente constituem o seu suplício.

Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrenas, pode-se sê-lo mais no campo das idéias e do espírito que nos atos da vida. É o que se chama de livres-pensadores e os que não ousam aprofundar as causas de sua existência. No outro mundo estes também serão punidos; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho abatido os faz sofrer e lamentam aqueles dias terrenos em que, ao menos, tinham liberdade de duvidar.

Lammenais

Observação – À primeira vista esta apreciação parece em contradição com a de Erasto. Este admite que certos Espíritos podem conservar as idéias materialistas, enquanto Lammenais pensa que essas idéias são apenas o pesar dos prazeres materiais, mas que tais Espíritos estão perfeitamente esclarecidos quanto ao seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto. Desde que vemos Espíritos que, mesmo muito tempo depois da morte, *ainda se julgam vivos, dedicam-se ou crêem dedicar-se às ocupações terrenas*, é que têm completa ilusão quanto à sua posição e não se dão conta absolutamente de seu estado espiritual. Já que não se julgam mortos, não seria de admirar que tivessem conservado a idéia do nada após a morte, que para eles ainda não veio. Foi sem dúvida neste sentido que quis falar Erasto.

Resposta – Evidentemente eles têm a idéia do nada; mas é uma questão de tempo. Chega o momento em que no alto se rompe o véu e as idéias materialistas se tornam inaceitáveis. A

resposta de Erasto assenta sobre fatos particulares e momentâneos; eu não falava senão de fatos gerais e definitivos.

Lamenmais

Observação – A divergência era apenas aparente e só resultava do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É bastante evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente materialista. Perguntava-se tão-somente se essa idéia seria necessariamente destruída logo após a morte. Ora, ambos os Espíritos estão de acordo quanto a este ponto e se pronunciam pela negativa. Acrescentemos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é para ele uma tortura tanto mais pungente porque não tem as preocupações terrenas para o distrair.

Nota Bibliográfica

Multiplicam-se as publicações espíritas e, como temos dito, incentivamos a divulgação daquelas que podem servir utilmente à causa que defendemos. São outras tantas vozes que se elevam e servem para espalhar a idéia sob diferentes formas. Se não demos nossa opinião sobre certas obras mais ou menos importantes, tratando de matérias análogas, é que, temeroso de que vissem nisso um sentimento de parcialidade, preferimos deixar que a opinião se formasse por si mesma. Ora, vemos que a opinião da maioria confirmou a nossa. Por nossa posição, devemos ser sóbrio em apreciações do gênero, sobretudo quando a aprovação não pode ser absoluta. Ficando neutro, não nos acusarão de ter exercido uma pressão desfavorável; e se o sucesso não corresponder à expectativa, não nos poderão culpar por isso.

Entre as publicações recentes que temos a satisfação de recomendar sem restrição, lembraremos notadamente as duas pequenas brochuras anunciadas em nosso último número, sob o